

Alterando viés racial implícito em adultos pretos e brancos: uma avaliação de procedimento de equivalência de estímulos

Changing implicit racial bias in black and white adults: an assessment of stimulus equivalence procedure

Cambiar el Sesgo racial implícito en adultos negros y blancos: una evaluación del procedimiento de equivalencia de estímulos

Pedro Henrique Jardim*

Paula Suzana Gioia**

Resumo

Enquanto ciência, a Análise do Comportamento tem tecnologia para estudar práticas culturais relacionadas a questões raciais. O objetivo deste estudo foi aplicar uma dessas tecnologias e avaliar os efeitos produzidos por um procedimento de redução de viés racial negativo em relação a pessoas pretas. Foram selecionados 17 participantes, pretos e brancos, que preencheram um questionário de autodeclaração e foram avaliados pelo Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) para definição de linha de base. Por meio de um procedimento de matching-to-sample (MTS), foram treinadas três relações entre estímulos: (a) polegares/figuras abstratas; (b) figuras abstratas/pessoas pretas e figuras abstratas; e (c) relações anteriores simultâneas. Ao término de cada treino, foram realizados testes de simetria, transitividade e equivalência. Utilizou-se novamente o IRAP, para verificar mudanças após o treino. Os resultados indicaram que as respostas dos participantes na linha de base não mostraram viés negativo para pessoas pretas mas, após o treino, houve mudança significativa para participantes brancos. Recomenda-se que pesquisas futuras testem as características do experimentador e outras formas de detecção de viés racial implícito.

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8195-8947>. E-mail: pedrohjpsi@gmail.com

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5813-1802>. E-mail: paulasuzanagioia@gmail.com

Palavras-chave: análise do comportamento; equivalência de estímulos; viés racial implícito; relações raciais.

Abstract

As a science, behavior analysis has technology to study cultural practices related to racial issues. The purpose of this study was to assess the effects produced by a procedure aimed to reduce negative racial bias towards black people. Seventeen black and white participants were selected after fulfilling a self-declaration questionnaire and being assessed by Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP), in order to set a baseline. Then, three relations were trained using matching-to-sample (MTS): (a) thumbs/abstract figures; (b) abstract figures/ black people and abstract figures; and (c) simultaneous prior relations. Symmetry, transitivity and equivalence tests were performed at the end of each training, and IRAP was used again to assess changes after the procedure. Results indicated that participants were not negatively biased towards black people and, after the procedure, only white participants showed significant change. We recommended future studies to test the effects of the researcher's characteristics as well as other ways to detect implicit racial bias.

Keywords: behavior analysis; stimulus equivalence; implicit racial bias; racial relations.

Resumen

Como ciencia, el análisis del comportamiento tiene tecnología para estudiar prácticas culturales relacionadas con cuestiones raciales. El propósito de este estudio fue evaluar los efectos producidos por un procedimiento destinado a reducir el sesgo racial negativo con relación a personas negras. Diecisiete participantes blancos y negros fueron seleccionados después de completar un cuestionario de autodeclaración y de ser evaluados por Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP), con el fin de establecer una línea de base. Después, se entrenaron tres relaciones utilizando matching-to-sample (MTS): (a) pulgares/figuras abstractas; (b) figuras abstractas /personas negras y figuras abstractas; y (c) relaciones previas simultáneas. Las pruebas de simetría, transitividad y equivalencia fueron realizadas al final de cada entrenamiento, y el IRAP fue nuevamente usado para evaluar los cambios después del procedimiento. Los resultados indicaron que los participantes no tenían sesgo negativo con relación a personas negras y, después del procedimiento, solo los participantes blancos mostraron un cambio significativo. Recomendamos futuros estudios para evaluar los efectos de las características del investigador, así como otras formas de detectar el sesgo racial implícito.

Palabras clave: análisis del comportamiento; equivalencia de estímulos; sesgo racial implícito; relaciones raciales.

As relações raciais são abordadas por diferentes áreas, como ciências sociais, saúde e política, o que contribuiu para que negros ocupassem diferentes espaços em que anteriormente não era permitido. Ainda que haja diferentes estudos que promovam a igualdade racial, a ciência também contribuiu para fomentar a desigualdade racial, como o caso da sífilis não tratada de Tuskegee, em que negros com sífilis não eram informados sobre o diagnóstico e, portanto, não eram cuidados (Rose, Brodsky, Che & Brooks, 2021); o Darwinismo Social que utilizava a teoria de Darwin de forma conturbada e inferia que brancos eram mais evoluídos do que negros (Rudman & Saud, 2020); ou o caso do Giro do Sino, em que autores da própria Análise do Comportamento, afirmavam a inferioridade dos negros baseando-se em testes que indicariam que estes têm quociente de inteligência (QI) inferior ao de brancos (Andery & Sério, 1997).

Segundo Skinner (1953/2003), a Análise do Comportamento tem por objetivo prever e controlar o comportamento humano. Pode, portanto, ser utilizada como um mecanismo para manutenção de um *status quo* ou como ferramenta de mudança social (Holland, 1979). Infere-se que identificar contingências responsáveis por relações comportamentais injustas socialmente e intervir visando a sua minimização ou erradicação deva ser um objetivo do analista do comportamento.

Ainda que a Análise do Comportamento não seja uma farta produção no estudo das relações raciais, percebe-se que esse tema se mostra bastante atual, sendo observado algumas pesquisas com esse direcionamento. Além disso, percebe-se, na leitura desses estudos, que se leva em consideração não apenas um comportamento aberto, como um ato racista, mas também se estudam os encobertos, uma preferência, tendência ou uma atitude que, nem mesmo a própria pessoa consegue explicar/identificar- a isso se dá o nome de *viés racial implícito*.

Uma dessas pesquisas é a de Lai et al. (2014), que teve como objetivo testar 17 diferentes procedimentos para mudar o viés racial e avaliar a eficácia de cada um. Participaram, aproximadamente, 5.000 indivíduos, todos não negros e inscritos nos sites da *Brock University* e da Universidade da Virgínia. Os autores testaram os 17 procedimentos de intervenção em um conjunto de quatro estudos.

No primeiro e segundo estudos, os participantes foram randomicamente selecionados para um dos grupos: grupo-controle (não realizavam a tarefa proposta na intervenção); grupo para uma condição de comparação falsa; ou grupo que seria submetido a uma das 13 condições de intervenção do Estudo 1 e uma das 14 condições de intervenção do Estudo 2. Em seguida, os participantes realizavam o Implicit Association Test (IAT) (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998) e completavam o relatório de medidas de atitudes racistas.

O IAT é um teste que mede a força da associação entre pares de categorias e/ ou atributos, como preto-bom e preto-ruim. O teste utiliza o tempo como critério de avaliação, logo, as associações que foram mais facilmente pareadas possuíam uma latência com um tempo menor e um menor número de erros, dessa forma, se diz que é uma associação mais consistente em relação a uma associação com maior tempo de latência (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998).

No terceiro estudo, (a) era elaborado um relatório de medidas de atitudes racistas relacionadas a asiáticos e a hispânicos; (b) havia 11 condições de intervenção; e (c) os participantes eram expostos a avaliações em relação a negros, brancos, asiáticos e hispânicos ao mesmo tempo. Por fim, o quarto estudo manteve as mesmas características do terceiro (11 condições de intervenção, condição de controle e falsificação), mas adicionou o IAT no pré-teste.

As conclusões dos autores em relação às diferentes intervenções realizadas nos quatro estudos indicaram que apenas oito delas foram efetivas na redução do viés racial implícito de brancos em relação a negros.

Diante dos experimentos, foi observado que a maior parte das intervenções em que negros eram vistos aliados a fatores positivos e brancos a fatores negativos foi eficaz na modificação do viés racial. Dessa forma, focar unicamente nas características dos negros é menos eficaz que estabelecer contraste entre grupos sociais – e inserir fatores negativos a brancos tende a melhorar os resultados. Outra característica eficaz para as modificações foi o envolvimento intenso do participante, em uma situação mais próxima

de sua vida ou na qual o contato foi mais próximo, como no estudo em que o participante era assaltado por um homem branco e resgatado por um homem negro, ou no estudo em que havia uma competição (Lai et al. 2014).

Semelhante a Lai et al. (2014), por também avaliar uma metodologia de intervenção para a mudança de viés racial, Gonzalez, Steele e Baron (2017), por sua vez, tiveram como objetivo a tentativa de reduzir viés racial implícito em crianças brancas e orientais por meio de exemplares positivos de pessoas pretas (vinhetas), que contradiziam os estereótipos relacionados a essa população. Os participantes foram 359 crianças entre cinco e 12 anos de idade, sendo 257 brancas e 102 orientais. Todos os participantes realizaram o IAT, e percebeu-se, na linha de base, viés racial negativo em relação a pessoas pretas.

A aplicação ocorreu individualmente, e os participantes foram randomicamente divididos em três condições de apresentação de vinhetas: vinhetas sobre pretos, vinhetas sobre brancos e vinhetas sobre flores. Para o grupo experimental, de vinhetas sobre pretos, foram apresentadas quatro vinhetas com um indivíduo preto (homem ou mulher) em cada uma, e o experimentador verbalizava uma história sobre o personagem, salientando características comumente opostas aos estereótipos relacionados à população negra.

Para o grupo-controle, foram lidas quatro vinhetas sobre flores (tulipas, narcisos, girassóis e rosas) e descritas características individuais e funcionalidades positivas de cada flor. Gonzalez et al. (2017) apontam que a terceira condição, vinhetas de brancos, constituía um grupo-controle adicional, que mantinha o mesmo procedimento das duas condições anteriormente relatadas. Após a apresentação das vinhetas, os participantes foram novamente conduzidos à avaliação por meio do IAT, e verificou-se que a apresentação das vinhetas foi capaz de mudar o viés racial.

Um terceiro estudo sobre o tema, proposto por Mizael (2015) que seguiu o mesmo objetivo dos anteriores, faz uma replicação sistemática do estudo de Carvalho (2010), e, também avalia uma metodologia para mudança de viés, porém a autora utiliza outros instrumentos de avaliação e apresenta uma metodologia de intervenção baseada no paradigma da equivalência de estímulo. No estudo de Mizael (2015), Foram selecionadas

13 crianças (três eram pretas), após dois testes: Self-Assessment Manikin – SAM (Bradley & Lang, 1994)¹ e AC3.² Na fase de treino, os 13 participantes foram divididos em dois grupos de emparelhamento ao modelo, um simultâneo e o outro com atraso (SMTS e DMTS, nas siglas em inglês), e foram realizados treinos entre gestos do polegar para cima ou para baixo (A) e figuras abstratas (B); entre figuras abstratas (B) e imagens de pessoas pretas (C) e treino ABBC, cujo objetivo era fortalecer as relações anteriores. Ao final de cada fase, com exceção de ABBC, era realizado um teste de simetria (BA e CB) como critério para avançar à fase seguinte. Após o treino, foi realizado o teste de equivalência: relações polegares positivos/negativos – figuras de pessoas; e entre as relações figuras de pessoas – polegares positivos/negativos (AC e CA).

Após a confirmação da equivalência eram reaplicados os instrumentos da linha de base (SAM e AC3), além do Implicit Relational Assessment Procedure – IRAP (Barnes-Holmes et al., 2006), que, assim como IAT, avalia os vieses por meio da latência entre as respostas, todavia, diferente dos dois estudos apresentados esse tipo de instrumento era utilizado de forma complementar apenas ao final do experimento. Todos os participantes selecionados alteraram suas respostas iniciais e formaram a classe de equivalência esperada, isto é, a classe preexistente entre as relações pretos e símbolos negativos foi modificada para pretos e símbolos positivos.

O presente estudo é uma replicação sistemática do estudo de Mizael (2015), porém ao invés de crianças, os participantes foram adultos; tem como objetivo verificar se o procedimento proposto por Mizael (2015) produz efeito mais consistente nas relações entre pretos e características positivas em participantes adultos, pretos e brancos, que **não** apresentavam viés racial negativo para pessoas negras. Outra diferença deste estudo em relação ao de Mizael (2015) refere-se à utilização do IRAP como principal

1 Os participantes recebiam folhas de sulfite com um dos estímulos na parte superior. Logo abaixo, havia cinco bonecos (escala de fisionomias de feliz a triste) e, ainda mais abaixo, havia nove círculos que deviam ser preenchidos com um “X”.

2 Tratava-se de um teste de *matching-to-sample*, com três estímulos-comparação (figura de pessoa preta, de pessoa branca e figura abstrata) e, como estímulos-modelo, o polegar para cima ou para baixo.

instrumento de avaliação, diferentemente do que foi realizado no estudo replicado, sendo utilizado antes e após o treinamento, tornando o instrumento um meio de medida de linha de base e de efeitos do procedimento

Destaca-se que inicialmente o presente estudo tinha o objetivo de selecionar participantes que apresentassem viés racial negativo, todavia todos os participantes selecionados não apresentavam viés e, por isso, objetivou-se avaliar se mesmo sem apresentarem viés poderiam modificar sua relação para com estímulos de pessoas negras e brancas.

MÉTODO

Participantes

Para o tamanho da pesquisa, os autores consideraram que a amostra fosse entre 15 e 20 participantes e foram selecionados 17 participantes – 10 pretos e sete brancos, maiores de 18 anos, de ambos os sexos e apenas três não iniciaram o ensino superior. Todos se declararam pretos (identificados pela letra *P*) ou brancos (identificados pela letra *B*); quem se declarou pardo, amarelo ou vermelho não foi selecionado, pois muitas pessoas se consideram pardo devido à certidão de nascimento, e o era necessário um pertencimento a raça branca e preta.

As idades dos participantes pretos compreenderam de 18 a 53 anos e a dos brancos foi de 19 a 58 anos. Em relação ao grau de escolaridade, apenas três pessoas, em ambos os grupos, não haviam iniciado o ensino superior: duas do sexo feminino e uma do sexo masculino.

Local

A realização do experimento ocorreu em diferentes lugares: nas residências dos participantes, ou na sala de pesquisa de uma universidade particular de São Paulo. Os ambientes eram silenciosos e continham uma mesa e duas cadeiras.

Procedimento geral

Contato inicial com participantes. No momento da abordagem, o pesquisador, uma pessoa preta, informava que se tratava de um estudo de cunho social e teria duração aproximada de 90 minutos. Caso o participante tivesse interesse, deveria preencher um formulário de autodeclaração contendo nome, idade, sexo, escolaridade, contato e raça. Caso se autodeclarasse **preto** ou **branco**, o participante era selecionado; caso contrário, não podia dar continuidade ao procedimento.

Treino das funções reforçadoras dos polegares. Com o intuito de dar significado reforçador ou aversivo a símbolos gestuais, foi construída uma série de slides no Microsoft PowerPoint®, em que aparecia a imagem de um caça-níquel no centro da tela: o participante devia clicar para ganhar ou perder pontos (Figura 1). Se ganhasse os pontos, aparecia a imagem do gesto de um polegar para cima e, se perdesse, aparecia a imagem do polegar para baixo. No último slide, o participante sempre terminava com 100 pontos, que podiam ser trocados por dinheiro (R\$ 0,10 por ponto).

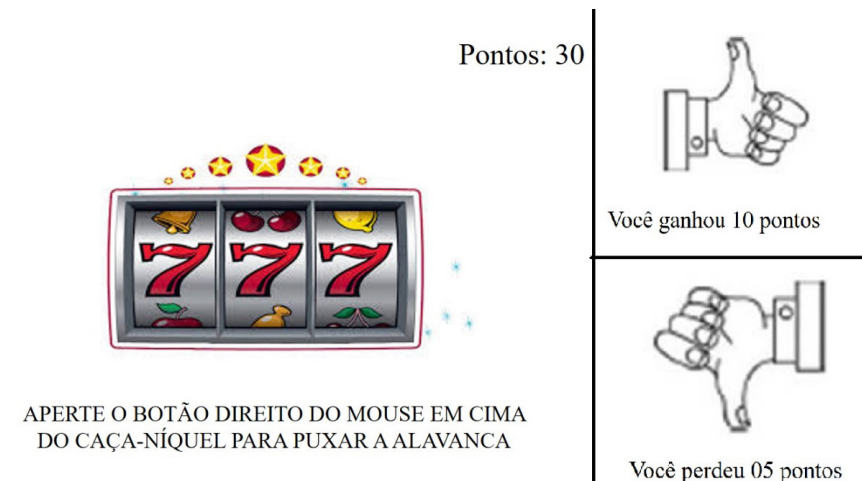


Figura 1. Esquema de apresentação dos slides para definir a função reforçadora e aversiva dos gestos dos polegares. Após clicar no caça-níquel (lado esquerdo), aparecia, em um outro slide, um dos gestos dos polegares (lado direito). Então, uma nova pontuação era descrita na tela do caça-níquel, com a adição ou subtração de pontos.

Após este treino, era realizado um bloco de testes para verificar se os gestos adquiriram as funções de estímulos aversivos ou reforçadores. Esse teste foi realizado por meio de *matching-to-sample* (MTS). Na tela aparecia o polegar virado para baixo ou para cima e quando o sujeito clicava na imagem, outras duas imagens apareciam abaixo do polegar, sendo: bebê, praia, filhote de cachorro, bandido, lixão e criança pedindo esmola (estímulos socialmente reforçadores ou aversivos). O participante deveria clicar na figura correspondente ao estímulo-modelo e como critério de seleção, o participante poderia errar apenas uma vez nesta etapa. Dessa forma, quando o polegar estiver para cima, o participante deveria clicar nas imagens: bebê, praia e filhote de cachorro; quando os polegares estiverem para baixo o participante deveria clicar em: bandido, lixão e criança pedindo esmola.

Pré-treino de MTS arbitrário. O treino consistiu em um bloco com 15 tentativas, no qual houve um estímulo-modelo e três estímulos-comparação. A cada acerto, aparecia na tela um arco-íris e um som de aplausos. A cada erro, a tela escurecia por dois segundos. Como estímulos, foram utilizadas formas abstratas e imagens de animais que alternavam a posição entre estímulo modelo e comparação. O participante podia errar até três vezes para avançar de fase, e foram dadas “pistas” como ajuda nas três primeiras tentativas – inicialmente aparecia o estímulo modelo e apenas um estímulo comparação, em seguida outro estímulo modelo e dois estímulos comparação (o que já havia sido apresentado e um estímulo novo), por fim aparecia um terceiro estímulo modelo e desta vez três estímulos comparação, sendo os dois já apresentados mais um estímulo novo. Se o desempenho não fosse efetivo, o bloco era repetido.

Linha de base e identificação de viés racial negativo para pretos (IRAP). O IRAP (Barnes-Holmes et al., 2006) foi utilizado para verificar medidas na latência das respostas. Na tela do computador, apareciam imagens de pessoas brancas ou pretas, logo abaixo uma característica positiva ou negativa e, ainda mais abaixo, as opções *verdadeiro* e *falso*. O participante deveria responder da forma que lhe foi solicitado: Preto positivo –branco negativo, ou preto negativo – branco positivo. O participante era instruído a evitar erros e a responder o mais rápido que pudesse (Figura 2).



Figura 2. Apresentação de dois cenários distintos da atividade proposta pelo IRAP.





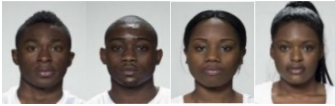


Exigiu-se que os participantes respondessem em um tempo máximo de 2.000 ms, caso não cumprissem esta exigência a mensagem, *mais rápido*, aparecia na tela e a resposta não era contabilizada. Para uma maior precisão, o programa também avaliou a quantidade de acertos dos participantes, ou seja, responder conforme a solicitação.

Ao fim, por meio do resultado de latência e respostas corretas, o programa realizou um cálculo *D-Score*, quanto mais próximo de zero, menos diferenças eram identificadas nas relações chamadas de consistentes ou de inconsistentes: nessa situação, o participante havia respondido com uma velocidade semelhante tanto para verdadeiro quanto para falso. No entanto, quando os *D-scores* se afastavam do zero, podia-se dizer que havia diferença entre as apresentações de estímulos distintos e as respostas do participante.

Fase de treino. Foi realizado o treino das seguintes relações (Tabela 1): (a) polegares positivo/negativo – figuras abstratas (AB); (b) figuras abstratas – figuras de pessoas pretas/figura abstrata (BC); e (c) relação mista entre polegares positivo/negativo, figuras abstratas e figuras de pessoas pretas (ABBC). Como critério de aprendizagem, o participante poderia errar apenas uma vez em um bloco de cada treino – e precisava passar por dois blocos seguidos para avançar à fase seguinte. Se não atingisse o critério, o treino era repetido. Após cada treino, foi realizado um teste de simetria, no qual podia ocorrer um erro: se houvesse mais de um erro,

repetia-se o teste. Destaca-se que em toda a etapa de treino o polegar para cima deveria ser relacionado com pessoas negras, enquanto o polegar para baixo deveria ser relacionada com figuras abstratas como sugere a tabela 1.

Tabela 1 – Lista de estímulos utilizados para o treino de MTS e/ou IRAP

A1 (apenas um estímulo)	
A2 (apenas um estímulo)	
B1 (apenas um estímulo)	
B2 (apenas um estímulo)	
C1 (4 fotos de pretos)	
C2 (apenas um estímulo)	
C3 (4 fotos de brancos)	

A ordem dos estímulos foi apresentada de forma randômica, a fim de evitar o aprendizado pela posição das figuras. O intervalo entre as tentativas foi de 1,5 s. A cada acerto, a tela do computador era alterada para estrelas e um barulho de palmas indicando que o participante acertou. No caso de uma resposta errada, a tela escurecia por 1,5 s.

- **Treino dos polegares e figuras abstratas (AB).** Iniciou-se com o treino da relação polegar positivo – figura abstrata (A1B1); e da relação polegar negativo – figura abstrata (A2B2), realizado em dois blocos de 16 tentativas. Ao ser atingido o critério, foi realizado teste de simetria das relações figuras abstratas e polegares positivo/negativo (BA), em

apenas um bloco com 16 tentativas. O participante podia errar apenas uma vez para avançar à fase seguinte. Não sendo atingido o critério, o treino era repetido.

- **Treino das figuras abstratas e fotos de pessoas negras (BC).** Treino da relação figura abstrata – figuras de pessoas negras (B1C1); e da relação figura abstrata – figura abstrata (B2C2) (Tabela 1). Assim como no treino anterior, houve dois blocos de 16 tentativas que seguiram os mesmos critérios de acertos e erros. Após atingir o critério, foi realizado o teste de simetria das relações figuras de pessoas negras – figuras abstratas (CB), em apenas um bloco com 16 tentativas.
- **Treino misto dos polegares e figuras abstratas/ figuras abstratas e foto de pessoas negras (ABBC).** Dois treinos mistos com dois blocos de 16 tentativas: 16 tentativas com as relações polegares positivo/negativo – figuras abstratas (AB); 16 tentativas com as relações figuras abstratas – figuras de pessoas negras/figura abstrata (BC) (Tabela 1)
- **Fase de teste.** Esta fase teve como objetivo avaliar se a relação de equivalência entre os estímulos emergiu. Para o teste de equivalência, foram realizadas 16 tentativas nas relações polegar positivo – figuras de pessoas pretas (A1C1) e polegar negativo – figura abstrata (A2C2); e (b) 16 tentativas nas relações figuras de pessoas e polegares positivo/negativo (CA). Os estímulos de rostos utilizados nesta etapa são os mesmos utilizados na fase de treino.
- **Pós-teste.** No pós-teste, houve novamente a aplicação do IRAP, a fim de identificar se houve mudanças na latência das respostas e transferência de função de preto para positivo – reforçador.

RESULTADOS

A partir do primeiro procedimento, após a seleção de participantes (treino das funções reforçadoras dos polegares), foi constatado que, para todos os participantes, à exceção do participante P1 (P = preto; B = branco), os símbolos dos polegares para cima e para baixo tinham função de estímulos reforçadores ou de aversivos, respectivamente, e por isso o participante não deu continuidade ao procedimento.

No pré-treino de MTS arbitrário, ocorreu o maior número de erros entre todas as vezes que se utilizou MTS no estudo. Esse resultado já era esperado, já que se tratava do primeiro contato do participante com o procedimento. No entanto, não se observou um padrão de erros: alguns participantes erraram nas tentativas do início (P7 e B4), outros nas do meio (P4, B1 e B2) e um terceiro grupo, nas do fim (B1 e P5).

No treino AB (gestos dos polegares e figuras abstratas), cinco participantes, sendo dois pretos (P2 e P10) e três brancos (B1, B5 e B7), precisaram repetir o bloco, já que podiam errar apenas uma vez em cada relação. No teste de simetria, apenas dois participantes não atingiram o critério (P3 e B4), e, para eles, o teste foi repetido. Todos avançaram à fase seguinte.

No treino BC (figuras abstratas e pessoas pretas/figura abstrata), diferentemente da fase anterior, apenas um participante, P9, precisou repetir a etapa por não alcançar o critério. Muitos participantes, no entanto, emitiram respostas erradas, principalmente na primeira tentativa, o que se justifica por não ter havido ajuda para a resposta correta. Dessa forma, supõe-se que o participante, ao errar na primeira tentativa, identificava a resposta correta nas tentativas seguintes. Em relação ao teste de simetria, apenas o participante B7 precisou repetir a etapa.

No treino ABBC, não houve erro, e os participantes obtiveram o melhor desempenho em relação às outras etapas.

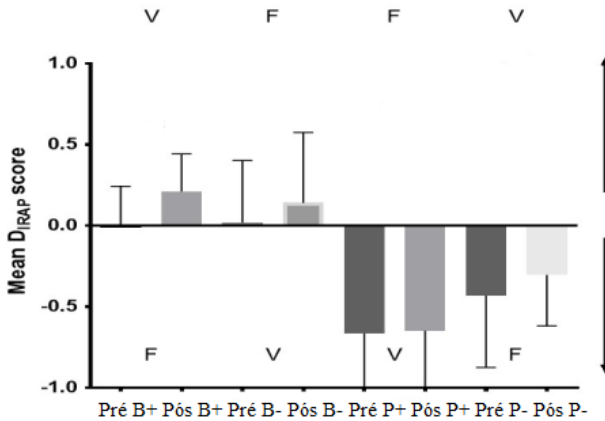
No teste AC (gestos dos polegares e pessoas pretas/abstratas), testou-se a relação não treinada AC (gestos dos polegares – figuras de pessoas pretas) com o objetivo de avaliar sua emergência. Para todos os participantes, houve a emergência da relação AC esperada, exceto para B7. Alguns participantes registraram um erro nessa fase (P5 e P6); porém, ao

trocar-se a relação para CA, não houve erro. O participante B7 não obteve êxito e, ao repeti-la, errou em todas as tentativas. Dessa forma, foi necessário que realizasse novamente as relações ABBC, obter 100% acertos e repetir o teste de equivalência – mas voltou a errar. Embora a classe de estímulos equivalentes não tenha emergido, ao ser testada a relação de simetria da transitividade (CA), o participante obteve 100% de acertos.

Identificação dos vieses. O IRAP foi o instrumento utilizado para verificação do tempo de latência da resposta como indicador do viés racial e de sua possível mudança. No pré-treino e no pós-treino, todos os participantes obtiveram acerto mínimo de 80% em apenas um bloco (na fase de teste, o mínimo de acertos podia ser 70%).

A partir das medidas de acertos e tempo, o programa forneceu dados *D-scores*, nos quais se verificou a mudança obtida baseada em quatro relações: branco – bom (B+); branco – mau (B-); preto – bom (P+); e preto – mau (P-). Após o treino, os participantes pretos, na relação branco – bom, responderam mais rapidamente para a opção *verdadeiro* do que para *falso* (Figura 3), o que resultou em um escore médio de 0,21.

Na relação preto – bom, os participantes pretos responderam, de forma geral, mais rapidamente para a opção *verdadeiro*, sem mudança substancial em relação à fase de treino. Para a relação preto – mau, os participantes pretos responderam de forma mais rápida para *falso*, e, após o treino, houve diminuição da latência (30%): o *D-score* inicial foi de 0,43; e o final, 0,30. O treino, portanto, teve uma função oposta à esperada e, em vez de deixar a relação mais consistente, tornou-a menos consistente.

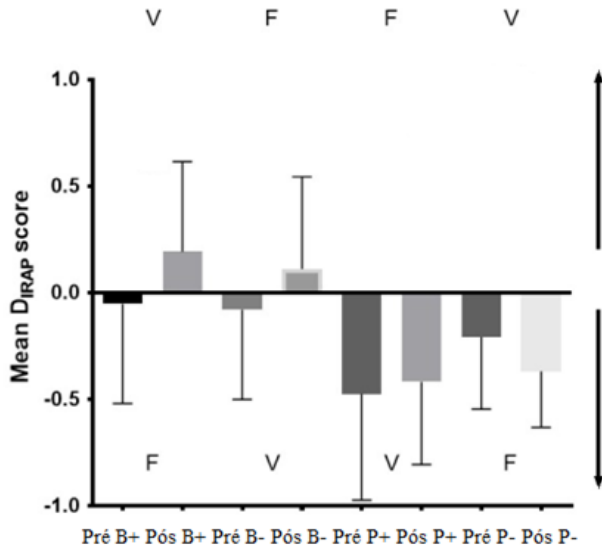


Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco – bom (B+), branco – mau (B-), preto – bom (P+) e preto – mau (P-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram-se as relações de verdadeiro (V) ou falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas dos participantes. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de preto – bom, preto – mau, branco – bom e branco – mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação.

Figura 3. Média do IRAP (D-score) dos participantes pretos.

Da mesma forma que os participantes pretos, os participantes brancos também não obtiveram respostas distantes de zero para a relação branco – mau, o que indica não haver informação necessária para classificar a relação como consistente ou inconsistente. Na relação branco – bom, percebeu-se que, mesmo sem ter havido treino para relação com pessoas brancas, os participantes começaram a responder mais rapidamente para *verdadeiro* após o treino proposto para este estudo (preto – bom), o que pode indicar mais consistência para a relação anteriormente mencionada. Também na relação preto – bom, os participantes responderam mais rapidamente para *verdadeiro*, mas, após treino, houve uma pequena diminuição na velocidade das respostas, o que indica que o treino não foi eficaz para deixar essa relação mais consistente.

Por fim, na relação preto – mau, os participantes responderam de forma mais rápida para *falso*; e, após a fase de treino, houve aumento do D-score de 0,20 para 0,37. O treino, portanto, favoreceu a escolha de *falso* mais rapidamente para a relação preto – mau.



Abaixo do eixo X, encontram-se as condições de branco – bom (B+), branco – mau (B-), preto – bom (P+) e preto – mau (P-) no pré e pós-teste. Logo acima, encontram-se as relações de verdadeiro (V) ou falso (F), assim como na parte superior da figura. As barras voltam-se para F ou V, em cada condição, de acordo com as respostas dos participantes. As barras têm cores distintas para deixar mais clara a separação das condições. Quanto mais distante do centro, maior o número do D-score e, portanto, maior a rapidez para responder nas condições de preto – bom, preto – mau, branco – bom e branco – mau. As relações de pré e pós-treino estão alinhadas paralelamente para facilitar a comparação.

Figura 4. Média do IRAP (D-score) dos participantes brancos.

DISCUSSÃO

Quanto ao objetivo deste estudo de verificar se o procedimento sugerido por Mizael (2015) era eficaz na redução do viés racial implícito em adultos pretos e brancos, deve-se levar em consideração que, entre os 17 participantes, de idades e locais diferentes, nenhum apresentou viés racial implícito negativo para pessoas pretas no início do estudo, fato este que não era esperado, considerando a história do preto no Brasil. No entanto, esperou-se avaliar se o procedimento seria eficaz para fortalecer a relação entre pretos e características positivas. Sugere-se que novos estudos fossem conduzidos para avaliar alteração de viés negativo implícito apenas com participantes viesados negativamente para negro.

A própria seleção de participantes autodeclarados pretos é de suma importância, pois se suspeitava da possibilidade de que esses participantes pudessem ser enviesados negativamente em relação a sua própria raça/etnia, aliás, levando em conta as formas de aprendizagem de respostas racistas, qualquer pessoa, independentemente de sua raça/etnia, pode aprender a agir de forma racista.

Após o procedimento, os participantes pretos, em média, tiveram suas relações menos consistentes ao relacionar pretos com características positivas (reforçadoras), ou seja, é como se o treino tornasse para esse tipo de participante a relação mais fraca, mesmo com o objetivo de fortalecê-la. A única relação em que foi vista mudança ocorreu no grupo de participantes brancos, com a escolha de *falso* para a relação entre os estímulos preto – mau, logo a relação se torna menos enviesada negativamente.

Em relação aos participantes pretos, esperava-se que, caso houvesse viés racial negativo, que este diminuísse ou que se mantivesse – mas não que a latência aumentasse, tornando-os mais enviesados. Esse fato pode ter ocorrido, pela forma exaustiva dos treinos e testes, o que pode ter acarretado cansaço, interferindo no desempenho no cumprimento da atividade.

Outra consideração diz respeito ao instrumento de avaliação – IRAP. Tanto no estudo de Gonzalez et al. (2017), quanto no de Lai et al. (2014) foi utilizado o IAT como instrumento de avaliação. Talvez a utilização do IRAP como medida de pré-treino e pós treino não tenha a mesma eficácia.

Um aspecto que deve ser salientado neste estudo são as características físicas do experimentador: homem, preto, 1,85m e 120 kg. Tanto no estudo de Carvalho (2010) quanto no de Mizael (2015), foram utilizadas duas variáveis distintas em relação ao experimentador: sempre mulheres – uma branca e uma preta, respectivamente – e se concluiu que a raça/etnia do experimentador não foi uma variável que modificou as respostas dos participantes. Todavia, os participantes adultos deste estudo podem ter ficado sob controle das características fenotípicas do experimentador. Homens e mulheres pretas são estereotipados, mas os estereótipos ocorrem de formas distintas, ou seja, nem tudo que a mulher preta pode significar é igual ao que o homem preto significa (Ribeiro, 2016). Assim, no presente estudo, talvez as características do experimentador pôde ter sido uma

variável para as respostas dos participantes (viés racial implícito), já que adultos tendem a evitar serem punidos por questões raciais, diferente de crianças, como visto no experimento de Mizael (2015).

embora as características do experimentador não tenham tido relevância em Mizael (2015), talvez, no presente estudo, possam ter causado alterações.

CONCLUSÃO

Uma vez que Mizael (2015) utilizou crianças como participantes e seus instrumentos poderiam ser ineficazes em participantes adultos, optou-se por utilizar o IRAP como medida inicial e final do viés. Deve-se levar em consideração que nenhum dos estudos citados utilizaram o IRAP dessa forma; ou era utilizado apenas no final, ou o instrumento escolhido era o IAT. Portanto, a utilização do IRAP também será um dado para pesquisas futuras em relação a sua eficácia.

Futuras pesquisas deverão utilizar o mesmo procedimento de treino e verificar a mudança de viés racial por meio de outros procedimentos, como o IAT, e analisar se há diferenças em seus resultados, pois há a possibilidade de o IRAP não ter sido eficaz como instrumento de medida, levando em consideração não ter sido utilizado como instrumento de linha de base em outros estudos.

Outra ressalva importante a ser feita é a de que de todas as pesquisas ora citadas que investigaram o preconceito implícito (Carvalho, 2010; Lai et al., 2014; Mizael, 2015) não destacaram o impacto social na vida cotidiana do participante quando há diminuição do viés racial implícito. A maior parte das pesquisas relatadas foi capaz de reduzir o viés racial negativo implícito, mas não se sabe o que isso gera na vida do participante ou em relação a suas práticas culturais racistas. Assim, não fica claro se a diminuição do viés racial poderia, de fato, melhorar a relação do preto na sociedade ou se o participante branco, por exemplo, agiria de forma menos enviesada em relação a pessoas pretas.

Este artigo foi originado de dissertação de mestrado parcialmente subvencionada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

REFERÊNCIAS

- Andery, M. A., & Sérgio, T. M. (1997). The bell curve: What has radical behaviorism to say about it? *Behavior and Social Issues*, 7(1), 69–82.
- Barnes-Holmes, D., Barnes-Holmes, Y., Power, P., Hayden, E., Milne, R., & Stewart, I. (2006). Do you know what you really believe? Developing the Implicit Relational Assessment Procedure (IRAP) as a direct measure of implicit beliefs. *The Irish Psychologist*, 32(7), 169–177.
- Bradley, M., & Lang, P. J. (1994). Measuring emotion: The Self-Assessment Manikin and the Semantic Differential. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatric*, 25(1), 49–59. [https://doi.org/10.1016/0005-7916\(94\)90063-9](https://doi.org/10.1016/0005-7916(94)90063-9)
- Carvalho, M. P. (2010). *Resistência à mudança de atitude preconceituosa racial avaliada pelo paradigma de equivalência de estímulos* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Gonzalez, A. M., Steele, J. R., & Baron, A. S. (2017). Reducing children's implicit racial bias through exposure to positive out-group exemplars. *Child Development*, 88(1), 123–130. doi:10.1111/cdev.1258
- Greenwald, A. G., McGhee, D. E., & Schwartz, J. L. K. (1998). Measuring individual differences in implicit cognition: The implicit association test. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74, 1464–1480. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.74.6.1464>
- Holland, J. G. (1979). Comportamentalismo: Parte do problema ou parte da solução? *Análise Psicológica*, 2, 317–326.
- Lai, C. K., Marini, M., Lehr, S. A., Cerruti, C., Shin, J. E. L., Joy-Gaba, J. A. . . . Nosek, B. A. (2014). Reducing implicit racial preferences: I. A comparative investigation of 17 interventions. *Journal of Experimental Psychology: General*, 143(4), 765–1785. DOI: 10.1037/a0036260

- Mizael, T. M. (2015). *Estabelecimento de classes de estímulos equivalentes com estímulos significativos: Investigando a atitude racial preconceituosa* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil.
- Ribeiro, D. (2016). Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Revista internacional de direitos humanos*, 13(24), 99-104.
- Rose, M. C., Brodsky, J. E., Che, E. S., & Brooks, P. J. (2021). Teaching About Systemic Ethical Misconduct Increases Awareness of Ethical Principles: A Replication and Extension of Grose-Fifer's (2017) Tuskegee Role-Play Activity. *Teaching of Psychology*, 00986283211015981.
- Rudman, L. A., & Saud, L. H. (2020). Justifying social inequalities: The role of social Darwinism. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 46(7), 1139-1155.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trans.; 11. ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953)

Recebido em 03/02/2020

Aceito em 10/10/2022